

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

27 DE FEVEREIRO DE 1965
ANO XXI — N.º 547 — Preço 1

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PÁCO DE SOUSA ★ FUNDADOR: Padre Américo ★ VALES DO CORREIO PARA PÁCO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS ★ COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

FESTAS

Júlio iniciou os seus movimentos de encontro à Burocracia. Breve manejará as armas da propaganda.

Eu acabo uma reunião de trabalho com João «Bombeiro», nosso Director de Espectáculos. Eu queria tudo: uma festa cheia e um elenco reduzido. João aduz os seus argumentos e faz-me este remate imparável: «Em teatro de revista é assim!». «Assim» — é que o grupo dos actores vai um pouco além de 60.

Agora vejam os senhores o que é transportar uma turma de tais «saltimbancos» ao Porto, a Aveiro, a Viseu, a Guimarães, talvez a Viana, oigo dizer que também a Amarante,

isto para não falar de Coimbra, Lisboa e Setúbal aonde a embaixada será em via estreita — e digam-me lá se não é de desanimar!

E, no entanto, que hei-de eu responder, se «em teatro de revista é assim!»?...

Temos, portanto, já, uma afirmação do que vai sair, segundo as peneiras do Director Artístico: uma revista.

A ver vamos se ela merece ser vista e revista...

— x —

No Porto, em Coimbra, Lisboa e Setúbal, ainda que contemos com preciosos colaboradores, a organização e o levar da notícia

apetitosa de que «aí vêm os gaiatos do Pai Américo» pertencem-nos. Nas outras terras, sempre o êxito da Festa dependerá muitíssimo do interesse amigo de uns tantos carolas, que não de movimentar os espectadores com os cordelinhos a que eles são sensíveis. Por isso nos custa ir todos os anos a cada uma das terras que vão pertencendo ao nosso itinerário tradicional; e, em princípio, fixou-se que será ano sim, ano não.

Aveiro, porém, não nos deixa. Ainda 1964 não tinha terminado e já de lá nos perguntavam quando seria a Festa. Justamente os que mais «dão o corpinho ao manifesto» por causa dela! Depois, temos lá perto, na Celulose, o nosso Manuel Amaral. Ele é um agitador a ter em conta. Já veio aqui tratar pessoalmente do assunto e, na volta do correio, ei-lo com notícias eficazes:

Continua na TERCEIRA página

★ BELEM ★

COM a celebração das Bodas de Prata da Obra da Rua, «O Gaiato» tem andado tão alto que mal se lhe pode chegar. Graças a Deus!

De resto, pela nossa parte, sempre a mesma falta de tempo para escrever, porque os afazeres multiplicam-se, entram-nos pela porta dentro, cercam-nos e não há meio de se lhe fugir. É uma luta contínua.

Pelo lado dos leitores, há já quem proteste e reclame contra a falta de notícias, quem estranhe e se preocupe, por a nota de presenças não ter saído desde o Natal.

Que todos os nossos Benfeitores tenham ficado repletos da Paz de Cristo, nessa quadra festiva, penhor de verdadeira felicidade e muitas benções do Céu, no ano que corre.

Quanto ao mais, não haja inquietações demasiadas, pois o Menino Jesus viu quanto das vossas mãos saiu para Belém, retribuiu

Continua na SEGUNDA página

Por
ERNESTO
AUGUSTO

MALANJE

De passagem por esta nossa Casa do Gaiato, onde me encontro a gozar férias militar Snr. Padre Telmo pediu-me para dar notícias desta Casa. Bem me queria esquivar, mas apanhou-me de surpresa e aqui estou a dá-las.

VISITANTES — Graças a Deus aos domingos eles têm aparecido. Neste pedaço de terra onde em tempos era só capim, agora qualquer transeunte é atraído pela nossa quinta e pelas belezas naturais, mas fora do vulgar, que aqui vêm encontrar. Amigo leitor que nos visita ou que nos visitas, sempre que possas, traz contigo alguém que desconheça. Nós não te pedin nada, mas as nossas caras e as paredes da nossa Casa-Mãe, mai-lo que ainda há para fazer sem pronunciarem uma palavra, se encarregarão de substituir as palavras, dizendo-te o segredo o que precisamos. Cá te esperamos hoje e sempre.

OBRAS — Muito há ainda a fazer. Snr. José e Snr. Joaquim, mais alguns pedreiros não param. Ainda há dias o Snr. Joaquim me mostrou suas mãos calcinadas pelo sol e cheias de calos, medalhas do trabalho, e adiantava-me ele, que não sabe ler, mas sabe redi esta frase, que mais é uma oração: «Sei que todos me estimam dentro da Obra, mas tamb começo a amá-la».

Se todos soubessem avaliar com exactidão o que a Obra tem feito por nós, diríamos muito mais do que o Snr. Joaquim porque somos seus filhos.

MANUEL — É um rapaz que nos pediram para ter enquanto não arranjam vaga em qualquer casa de saúde. Não sabe pronunciar uma palavra. A língua que fala é sua e muito sua. Muitos poderiam dá-lo como um inútil, mas aqui não. Os dias dele são passados com um garrafão nas mãos.

pedreiros quando têm se gritam-lhe: — Manel, buscar «ZUNGA», e ele lá à fonte, de garrafão ao ombro buscar a «ZUNGA», a que chamamos água. E assim, tisefeito, vai passando os dias no meio desta comunidade, da qual, por certo, no íntimo, vai ter imensas saudades, quando a deixar.

CHEFE MAIORAL — Azevedo deixou-nos. A J... Continua na QUARTA página



Entre
Benguela
e
Lobito
nas
areias
do
Cavaco

Até que enfim!, o serviço do nosso «Caixa d'Óculos» está mesmo, mesmo, a ficar em dia. Ele suspira. Ferve e referve. E não descansou até puxar pelas mangas do Manuel Pinto como «cireneu» do ficheiro!

— Só pedidos e mais pedidos!...

— Muitos, «Caixa»?

— Um monte deles...!

E lá continuou, efervescente, debruçado na secretária do Manuel, ocupado na expedição de mais livros.

Eu gosto de vê-lo assim, interessado. Gosto. É um lenitivo que me compensa e alegra, pelas vezes que m'aborrece — em deslises próprios dos seus 15 anos...

Hoje é um dia cheio de vida no escritório da Tipografia. Até o Manuel Pinto — a calma personificada — dá um ar da sua graça!

— Uma carta pró Manuel Pinto!...

Satisfeito por um leitor se lhe ter dirigido! Ora vejam, senhoras e senhores, como o Manel — e muito bem — quer saborear reacções do seu tempo de menino e moço: «Uma carta pró Manel Pinto!» E acrescenta depois: «Isto (a correspondência atrasada) está a diminuir a olhos vistos!» Graças a Deus. E exclama, ainda, de guelias abertas: «Aqui está mais um pedido de três livros!», a que mestre «Caixa» responde imediatamente: «Também tenho práqui alguns a pedir três...!» O «Caixa» não quer ficar atrás... E não! Pinto exulta por cartas de nomes e caras suas conhecidas: «Olha o Casquilho!» E «Caixa d'Óculos» não fica lá muito satisfeito com as vastas relações do Manel: «Essa é boa! Conhece toda a gente...!»

Bem; as cartas e notícias que o correio nos traz dia a dia não podem, nem devem seguir rumo ao caixote do lixo. São tesouros que precisam de ser colocados à luz do dia para que todo o mundo leia e saboreie e guarde e frutifique em sua alma.

Olhem pra esta nossa irmã nonagenária. Curvemo-nos à sua passagem:

«Envio 20\$00 para pagamento do III volume do «Pão dos Pobres». É uma migalha.

Fico a chorar. A minha situação não me permite. Peço perdão. Sou uma apaixonada do santo Padre Américo. Tenho os livros todos e admiro todas as suas obras. Leio o vosso jornal há mais de 18 anos e depois mais adiante fiquei assinante e é hoje ao que eu dou mais valor neste mundo, pois tenho 90

50\$00 dos quais 30\$00 são para satisfazer a minha assinatura de «O Gaiato» e o resto para custear as despesas do livrito (em tamanho, claro, porque grande no seu conteúdo) que ontem recebi: o «Pão dos Pobres». Tenho imensa pena de não poder ajudar-vos, mas uma professora reformada — de ensino primário — tem que fazer uma ginástica de acrobata para se equilibrar sem dever nada a ninguém, nestes tempos em que só os ricos podem viver sem procurar esticar o dinheiro que têm nas mãos... Posso, porém, dar-vos a minha riqueza: orações, estima e compreensão.

Essa riqueza é a única que permanece. A única que tem valor — e não ganha ferrugem. Deus lhe pague cem por um.

Temos de ficar por aqui. Se não... é um problema!

Mas não resistimos à tentação de dar à estampa ainda mais um recorte de uma carta de Lisboa:

«Recebi o 3.º volume do «Pão dos Pobres» que muito reconhecido agradeço e, se for possível enviarem-me outro volume para oferecer, maior o meu reconhecimento. Como eu desejará que o PÃO DOS POBRES, que é doutrina do Mestre, fosse lido e meditado por todos os portugueses, para que se tornassem humildes e caridosos e ajudassem o mais possível a Obra tão querida e tão cheia de amor».

E pronto. Só mais uma palavrinha. «Caixa d'Óculos» está para ali de mãos no ar recomendando que lembre a todos os leitores do Famoso que ainda há livros na estante, seja do 1.º, do 2.º ou do 3.º volume do «Pão dos Pobres». Cautela! Pois houve gente que supôs a obra ter apenas um e não comeram o Pão todo. Que o fim da cêdea costuma ser o mais saboroso... Não somos nós que o afirmamos. Mas os devotos que se não cansam de tecer hinos de acção de graças à «Doutrina do Mestre» bem viva e cimentada na pena do nosso querido Pai Américo.

Júlio Mendes

PÃO DOS POBRES

anos. Peço uma Avé Maria para que Nosso Senhor me perdoe os meus pecados. Beija-lhe as mãos com todo o respeito...»

Que alma grande, Senhor!

Mais um devoto. É de Castelões:

«Junto envio um vale de correio de 1.000\$ para ajuda de pagar a tinta que gastaram a pôr os pontos nos iiiii desse precioso livro «Pão dos Pobres» que devia ser lido pelos pobres, para que nem todos se julgassem tão desgraçados; pelos remediados, para que todos se julgassem felizes; pelos ricos, para que quase todos reconhecessem que eram uns miseráveis».

Onde era possível um desabafo assim? Bendito sejas tu, ó Famoso!

Mais uma devota, da capital:

«Segue junto a esta, a importância de



Cont. da PRIMEIRA página cem por um e velou por que tudo chegasse ao seu destino.

Então, vamos já à nota de presenças, com esperança de que, desta vez, ela possa sair completa e a todos satisfaça.

O Governo Civil de Viseu subsidiou Belém com 10 contos e a Comissão Municipal de Viseu com dois e meio.

Do Grémio do Comércio de Viseu recebemos 500. O Presidente da Junta da nossa Freguesia visitou-nos e deixou géneros e carne. O «Centro Comercial das Beiras, Lda», enviou 15 metros de riscado. O «Armazém António das Aguas», enviou 50\$ e o «Armazém Ramiro do Vale», caixas com bolos.

Em dia todas as cotas mensais dos nossos sócios de Viseu. O nosso Casal de Cursistas,

sempre presente com a sua contribuição mensal. Trouxe ainda a Belém um outro Casal de Cursistas que deixou 100\$00. Mais 500\$00 dum outro Casal, irmão do primeiro.

Anónimo, Helena e Padrinho da Ginha, todos da capital, sempre presentes com as esmolas mensais, a que já nos habituámos.

O Casal R. D., de Viseu, voltou com 50\$, em 8 de Dezembro. Mais Cecília e marido, de Braga, também nunca faltam.

De Paço de Sousa chegaram vales de 1.500\$00, 350\$00 e nem sei agora se mais algum, além dum cheque de 1.000\$00, oferta da Conferência de Paço de Sousa para os nossos Pobres.

Duas amigas enviaram da Grã-Bretanha vale de 1.000\$00 e as Boas-Festas, em palavras

cheias de muito apreço pela Obra.

Vales de 500\$00, de Cardigos, Beira Baixa; de 100\$00, de Vila Nova de Famalicão; outro igual de Maria José, de Cardal, Douro, que enviou um Santinho — recordação da sua Primeira Comunhão; outra vez 100\$00 de Aguium «sufragando a alma da mãe de minha santa esposa».

Da Cova da Iria, o Senhor P.e Bento enviou 500\$00 e...: «nada de desanimar».

Mais vales de 90\$00, por Rosa Celeste, do Porto; de 125\$00, por Maria Alice, de Santiago de Cacém; e de 100\$ por Alice Augusta, de Lisboa.

Maria Rodrigues enviou de Newark 5 dolars.

Maria Manuela, 20\$ pelo dia da Mãe.

100\$00 de Alice, Lisboa. 50\$ de «uma qualquer», com pedido de Avé Maria. 150\$00 de uma professora, equivalente ao seu aumento de ordenado, com pedido de uma Avé Maria por todas as crianças das escolas de Portugal e seus mestres. 50\$00



Veio pra nossa Casa pequenino. Era o «Quim pequenito». Cresceu. Fez-se homem na Tipografia do Famoso. E é linotipista num diário. Agora, casou. E, após o Sim, o expressivo sorriso de ambos diz tudo.

de Inês, de Espinho. Outro tanto de anónima de Viseu, de Jesuina, de Gaia e duma professora do Liceu de Bragança.

Vales de 50\$ de Felgueiras; de 60\$00, de Alfredo; de 200\$ de Amiga e colega Angelina, que esteve connosco nas férias.

Duas notas de 20 e pedido de preces pela conversão dos Pais. Da Amadora, outra de 20. 100\$ de Olho Marinho. Outro tanto de uma professora de Serpa. 20\$ de Taveiro. 50\$ de João Pereira, Elvas. 20\$ com «um beijo da Luisa».

Da Avó de Moscavide 50\$ e olhe que também recebemos a esmola do ano passado. Outro

tanto de Teodoro, de Lisboa e ainda outro tanto de M. V. M., de Lisboa. 20\$ de Gavião, muito antes do Natal, «para umas broazinhas».

Assinante 32475 enviou 500\$ em cumprimento de um voto. 150\$ «para a Casa Nova», de Caldas da Rainha.

Quatro Marias e um Zé, cresceram da Beira (A. O. P.), a dizer que depositaram 100\$ para Belém, no Banco Nacional Ultramarino.

Casal Amigo, que sempre nos



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



O QUE NOS DÃO No Natal

Conforme havíamos prometido, aqui vai mais uma pequena nota da vossa grande generosidade. Não podíamos deixar passar mais tempo, pois ela tem-se manifestado imenso, particularmente nos últimos dias. E começámos imediatamente a desfiar tão longo rosário. De um grupo de empregados da Nestlé 646 mais 612; do sempre amigo e reduzido grupo de L'Air Liquid 4x20; «o meu sétimo aumento» 1348\$20; Senhoras Inglesas do Estoril, 700\$00; Dinamarquesas, 1965\$00 mais 1000\$ como nova prova de que o amor é universal e, portanto, não escolhe nacionalidades; C. Macedo 2.000\$; Luis Ceia 100\$00; subscritores de Loures 160\$00 mais 76\$00; de Queluz 200\$00; Paço de Areos 100\$; de alguém no Foguete 200\$00; de um espanhol 20\$00; «amiga de algures» 20\$00; Rui de Almeida 150\$00 mais 80\$00; Patronato Nun'Alvares 100\$00; «para o aumento das contas de férias», de alguém que regressa das suas, 250\$00; M. Mesquita, selos e 20\$00; F. A. 100\$00.

É um nunca mais acabar de provas de carinho e amizade: «Enquanto não o gasto em inutilidades» 20\$; muitas assinaturas pagas na altura que atravessámos; assinantes 33589, 11764, 20277 e 25171 com 272\$00, 30\$00, 100\$00 e 100\$00, respectivamente; de Parede 50\$00; de Algés 100\$; Á-das-Lebres 50\$00; António Lemos 300\$00; 3 assinaturas, 500\$00.

Chegam-nos igualmente com

visita, em véspera de Natal, 70\$. Pai da Gracindinha, sempre presente com a sua esmola mensal.

1.400\$00, rendimento mensal dum andar que um Casal de Lisboa nos envia todos os anos.

O Senhor Padre Almeida, de Coimbra, voltou com a sua esmola. Também o Sr. Cónego Martins nunca nos esquece, nos dias festivos e o Senhor Cónego Lino vem sempre, com os seus, marcar presença, pelo Natal!

100\$00 por intenção do 25.º curso de cristandade para Senhoras, de Lisboa.

Um relógio de pulso, retalhos, calçado, roupas novas e usadas, linhas, etc., do Menino Jesus, de Vila Real (com 80\$00), de Ernestina, da Quinta das Pedras, de Maceira-Liz, de Seia (mais 100\$00), de Hermínia, de Santiago de Cacém, de Maria Isabel e de outros lados. Bem hajam!

A dívida estava em 333 contos e fica em:

333.000\$00

— 23.000\$00

310.000\$00

Inês

muita frequência roupas, remédios, géneros, brinquedos, etc., especialmente no Natal: alunas da Patrício Prazeres com roupas; Sociedade de S. Vicente de Paulo muitos sapatos e calções; de Cascais um pacote de açúcar; Dr. Santos Matos, roupas e 20\$; Eduardo Silva e J. Pinheiro também roupas e brinquedos; assinante 8847, géneros e mais 100\$00.

E a marcha prossegue, constantemente guiada pela mão de Deus. Maria Simões 5000\$00; de Almada 50\$00; uma subscrição entre os funcionários dos serviços de electricidade do Ministério da Marinha, 800\$00; Instituto Maternal, «amigos dos tostões» 400\$00; «uma promessa» 100\$00; D. M.ª Leitão 50\$00; «de uma amiga da Obra» 100\$00, e estas lindas palavras: «Sempre que puder ajudarei essa Obra, fazendo embora alguns sacrifícios, que nada são comparados com aquilo que sofrem os Pobres»; «para a Colónia da Ericeira» 100\$; de Porto de Mós 20\$00; Abade de Paranhos 500\$00; Zulmira 200\$; D. Alice 50\$00; «umas migalhinhas juntas por um que não é da cor, 127\$50» (quem lhe disse que não o era?); M.ª Leonor 600\$00; M.ª Balé 20\$00; R. António Pedro 20\$ e mais 2 camas; «Bina» de Moscavide 200\$00; Eng.º M. Ferreira 1000\$00; dos eternos amigos da Mobil, duas vezes 695\$ mais três vezes 950\$, 500\$00, mais 810\$, mais 818\$; enfermeiras 40\$00; das Caldas e para a Conferência 50\$; de uma grande amiga que foi para Africa, 120\$00 mais 50\$00, mais 50\$00; como de costume, Praça Damão com 800\$00; um anónimo 1000\$ e tantos outros no mesmo caso; R. Vieira 5 dolares; Dr. A. Mello 90\$00; também nos têm visitado muitos nossos amigos, fazendo sentir a sua presença das mais diversas maneiras.

E agora que passou o Natal, que melhor prova de amor poderíamos receber do que aquela que os nossos olhos enfrentam continuamente? Vejamos um pouco daquilo que foi o chamado período das Boas Festas; Sra. Graham, como todos os meses, 50\$00; Helder Barbas 400\$00; «umas migalhinhas» 100\$00; livros infantis da R. Antero de Quental; «para um bolo-rei» 50\$00; a um vendedor 20\$00; «para o que mais for preciso» 50\$00; M.ª Cardigos 20\$00; «visita costumada» 2000\$00; Sr. Eng.º Faro 10000\$00 «para uma máquina de descascar batatas»; vicentinos de Alenquer 294\$50; P. A. R. 20\$00; Mariana Franco 100\$00; Mealheiro do Cabelreiro Estre-

la 560\$00; E. Pinto Basto 50\$00; C.ª Port. de Tabacos 100\$00; C.ª dos Telefones 200\$00; J. J. Gonçalves Suers. 50\$00; T. W. A. 100\$00; J. J. J. 500\$; Tintas de Sacavém 300\$00; B. E. S. C. L. 100\$00; Av. Praia da Vitória duas vezes 1000\$00; José Dias 500\$00 e broas; o costumeado bacalhou da família Cascais, marcando a presença amiga de quem já partiu deste mundo. É assim o Natal daqueles que o querem viver cristãmente. Não esquecendo os outros, confortam-se a si próprios com as benções de Deus. Passemos no entanto mais algumas deste volumoso livro: alguém entregou 220\$; «para os gaiatos festejarem o Natal» 20\$00; a sempre amiga Mariana Galamba 100\$00; do escritório do Monumental 25\$; dos Eng.os do Serviço de Hidráulica do L. N. E. C. 5400\$00; Albano Osório 100\$; José Silva 3500\$00; Grémio dos Ind. de Arroz 500\$00;

«um casal cristão» 100\$00; «um que os visita com amor e com aquilo que pode», 900\$ e livros; um grupo de professoras da Patrício Prazeres 280\$00; «para o jantar do Natal dos Gaiatos» 270\$00; Secil 250\$; G. N. I. Especialidades Farmacêuticas 150\$00; o já habitual mimo dos chocolates dos Serv. Mecanográficos dos C. T. T.; da Mobil Oil 5000\$00; de Faro 500\$00; E. Santos 500\$00; mealheiros da Sra. D. Helena e Casa da Cêra, 108\$60 e 150\$, respectivamente; Polyphonia 1000\$00; C.ª Providente 100\$00; Laboratório Normal 250\$00; K. L. M. 30\$00; C.ª Port. de Celulose 100\$00; C.ª General de Electricité 100\$00; mealheiro do Cabelreiro Martins 208\$60.

Foi assim a quadra do Natal, além de muitas outras coisas que a vossa caridade nos fez chegar como dois carneiros, bolos, vinhos, carnes, frutas e tantas outras coisas, como vem sucedendo há muitos anos.

E encerramos por aqui a nossa relação de hoje. Tinha muito mais para vos dizer, o que ficará para uma próxima oportunidade. Agora, dirigimos as nossas orações para Deus, agradecendo e pedindo ao mesmo tempo as maiores benções para todos os benfeitores e amigos.

Luis Gonzaga

Venda do Jornal

● É a segunda vez que eu crevo para este simpático jornal. Tenho a honra de lhes contar uma vez notícias da nossa vendedora «O Gaiato». Vou começar a cidade de Aveiro. Nesta cidade vendem-se 260 jornais, no sábado e no domingo. No sábado vende-se na fábrica da Celulose, de Cento e poucos. O vendedor da cidade anda muito contente pessoal porque todos gostam de comprar. São pessoas muito boas. Por isso, os senhores não deixem de comprar o nosso jornal.

● Braga — Esta cidade tem mil habitantes e só se vendem 140 jornais. Até parece uma desgraça! Nem por se venderem dois rapazes nesta cidade. Andamos de lado para lado a vender. O que nos vale mais são as igrejas. Se não fossem não se vendia nenhum.

Pede-se a esses habitantes comprem «O Gaiato» porque ele faz mal a ninguém e por isso não esqueçam. Para a próxima com os senhores todos a comprar.

● Guimarães — É uma cidade muito importante e só se vendem 60 jornais! Parece impossível cidade como esta só se vendem

Continua na QUARTA

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

«A Festa do Aveirense está já marcada para o dia 19 de Março. Agora só desejo, assim como todos os Aveirenses, ter cá nessa noite a representação completa. Tudo quanto fôr ao Coliseu, terá que vir ao Aveirense.

Quere-me parecer que isto até parece mal eu estar a dizê-lo, pois o Sr. Padre com certeza que já tenciona fazer isso.

Agora conforme for decorrendo o tempo e o Sr. Padre veja que é preciso tratar de mais alguma coisa, vá dizendo, pois eu fico esperando pelas suas notícias.

Já pode deitar ao jornal a data, e o texto da propaganda, o Júlio lá se encarregará dos impressos e nós cá os despacharemos.

Os prospectos que sejam folclóricos e tão «Sportinguitas» como é esta carta. Sobre a Festa já chega para hoje».

— x —

Viseu anda há muito nos nossos projectos: É a cidade-berço de «Belém». E assim como as belenitas já vieram partilhar connosco no Coliseu, no Aveirense e no Avenida de Coimbra, assim também é tempo de irmos nós lá, retribuir a visita. Pois este ano será, se Deus quiser.

— x —

Em Guimarães, o ano pas-

sado, foi uma barraca, para usar qualificativos correntes na linguagem cá do sítio. Era para não voltarmos, mas depois prometi que tentariamos a reconquista, já que falhou o primeiro assalto à terra do Conquistador. Tentaremos preparar o ambiente e contamos com a ajuda do parco número que em 64 assistiu e gostou. Veremos, depois, se ali é o berço da nacionalidade, ou se é ainda terra de moiros...

— x —

Viana é uma cidade a que nos prendem muitos laços. Há vários anos que tencio-

namos lá ir, mas nunca calhado.

Calhará este ano...?

Seria interessante se vianenses se pronunciassem.

— x —

Amarante é sempre nossa. Já ali fomos... V por lá várias vezes e é sempre caloroso o acolhimento.

Eu oiço dizer ao vendedor lá, o Manel «26», muito empreendedor, que ano vamos a Amarante». eu não sei ao certo se se não. Sei somente, que Amarante não haverá dificuldades.

Resumindo:

Coliseu.....18 de Março, às 21.30 h
Aveirense.....19 de Março, às 21.30 h
Viseu - Gin. do Liceu...20 de Março, às 21.30 h
» » » ...21 de Março, às 15 h
Guimarães - T. Jordão.24 de Março, às 21.30 h
Coimbra — Avenida...25 de Março às 21.30 h

Em Lisboa e Setúbal será depois da Páscoa.

Das outras terras concretizar-se-á a seu tempo

 O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

PELAS CASAS DO GAIATO

Lar de Setúbal

Pois caros leitores, eis mais uma das poucas crónicas do nosso Lar, que têm saído.

Com certeza que estais aborrecidos com a nossa falta e com o nosso procedimento e com razão. Quero pedir-vos desculpa de todos os nossos erros e prometer-vos, que tanto quanto possível sairá de vez em quando uma crónica à pressão.

Os leitores estão já com certeza a pensar que eu estou apenas a dizer isto para mangar convosco e faltarei ao prometido; mas não. E, senão, veremos com o tempo.

Ora bem, vamos entrar, então, no assunto e já agora aproveito para vos dizer que a principal razão que não nos tem deixado colaborar no «Famoso» é precisamente a falta de assunto e também, vamos lá: a preguiça aguda.

Com respeito aos rapazes empregados, que são bastantes, também há algo a dizer. Quase todos, sobretudo os novos nos empregos e que portanto foram este ano para a cidade, andam com a cabeça no ar e não sei se é devido aos ares da cidade se à sua inexperiência no meio, o que é certo é que parecem que

sairam (como se costuma dizer) da casca do ovo. Note-se que eu não estou a criticar ninguém, apenas o digo por ser a verdade e por me parecer que não há nada de mal no assunto. No entanto com ajuda de nós (os antigos), espero que muito em breve eles se saibam integrar, e para que mais tarde todos estejam também aptos a aconselhar e a servir de guia aos outros que virão a encher o «Lar Novo».

Rouxinol

Lar do Porto

Por ocasião do Natal, lançámos um apelo no jornal para que os leitores amigos não esquecessem os nossos Pobres nesse dia.

Noutro jeito da nossa actividade, emitimos umas circulares, às Casas Comerciais do Porto, já nossas conhecidas, que nos habituaram a confiarmos nelas e ainda a outras solitárias para se aperceberem da actividade da Conferência e apreciarem, também, a força que leva sempre o nosso grito à causa

deles, por vezes bem triste e aflitivo e, conseqüentemente, imperioso como continua sendo hoje. Eles são os mesmos e a vida quase nada pôde melhorar.

Podemos dar graças a Deus por uns e por outros, porque foram em número satisfatório os que nos ouviram, realmente.

Anónimos sem conta com 20\$00 e 10\$00, e alguns com 50\$00. Algumas cartas de 50\$00 e 20\$00. Outros, os das circulares, que entregaram nas mãos do nosso Caneco, que em nome da nossa Conferência se fazia presente, embora um pouco contrariado. A todos muito obrigado.

Do grupo destacamos dentre o número imenso dos mais generosos: A Shell Portuguesa com 50\$00; D. Celeste Nunes, nossa muito amiga com 200\$00; B. P. Magalhães com 200\$00; B. P. Sotto Mayor 50\$00; Hidroeléctrica 80\$00; Sociedade de Cristais 30\$00. Recebemos 2.100\$00; gastámos na consoada do Natal 1.566\$00 e em dinheiro — 30\$00.

Muitos há que nada enviaram. Não esqueçam nem muito menos deixem de dar importância ao caso dos nossos Pobres.

E para terminar deixo à meditação, sobretudo, da juventude, que cada vez parece mais desordenada, um pensamento duma menina que

me escreveu e em certa altura dizia:

«... Este dinheiro que envio, já o tinha junto aos poucos para guardar; mas, por enquanto, não necessito de nada, e por isso aqui os envio para a Sr.ª Aida cuja triste história da sua vida acabo de ler no Gaiato». E enviou-nos 30\$00.

Aparecessem jovens como esta Dominique que sabe desprender-se de qualquer apetite em favor de uma pessoa sofredora. Bem haja, Dominique.

Também dos subscritores. Este ano as cotas da Conferência para serem válidas, não basta descrição que a identifique, mas também o carimbo da Conferência. O nosso rapaz irá por todos os subscritores com um livro próprio e diante do subscritor amigo cortará o que lhe competir. Vejam se, de facto, a cota é munida do carimbo; se não pedimos-vos que não paguem.

Bençãos de Deus.

Zé Maria Diniz

Paço de Sousa

«Somos quatro rapazes que o destino, por capricho, juntou em tristes condições. Qualquer de nós para além dos dias tristes da nossa situação, por faltas cometidas nos verdes anos da nossa juventude, sofremos muito por falta de conforto moral. Sentimo-nos totalmente desmoralizados. Falta-nos coragem para enfrentarmos esta triste situação de soldados portugueses encarcerados.

Desejávamo-nos corresponder com alguém que, dotada de alma fielmente cristã, queira satisfazer o nosso desejo, dando-nos assim um pouco de conforto que nos falta...»

Esta carta foi-nos enviada por quatro soldados que se encontram detidos na Casa de Reclusão da 2.ª Região Militar, em Viseu. Se houver alguma leitora que disponha de tempo para tal, aqui deixamos o nosso agradecimento em nome dos:

António Fernandes, soldado N.º 42/64 José Francisco, sold. N.º 125/E. P./63 Joaquim Alves, soldado N.º 66/ E. P. António César Borges, sold. 2422/61 Quartel em Fontelo — V I S E U

FAUSTO TEIXEIRA

BELÉM

● O INVERNO — O Inverno já chegou. Agora as noites são mais longas e os dias mais pequenos. Este veio muito frio. Aqui até já nevou. Agora as árvores despem-se e os campos ficam quase sem nada.

Na nossa quinta, agora só há as hortas e temos cá couves muito grandes. As favas também já nasceram e estão bonitas. Nós gostamos muito de favas. O centeio e as ervas também já nasceram, mas crescem pouco por causa do frio.

É uma tristeza. No Inverno é costume chover, mas este ano tem chovido pouco. O que tem estado é frio e vento. Mas ainda é pior para as pessoas que têm trabalho fora de casa.

Cotadinhos dos Pobres que andam por essas ruas à chuva e ao frio, e não têm uma casa para se abrigar! Muitas belenitas também não tinham casa e sabem o que isso é.

É nesta estação que se festeja o nascimento do Menino Jesus. O frio que Ele também passou no presépio de Belém! Jesus também sofreu muito desde que nasceu, mas não se queixou para sofrer tudo para nós podermos ir para o Céu, e nós mesmo assim ainda somos ingratos.

EDITE

TOJAL

● Permitam-me que aborde hoje um tema de índole desportiva. Como se sabe, o desporto constituiu um precioso auxiliar do desenvolvimento físico dos homens.

Pois ele em nossa Casa tem uma função bem mais completa. Tem que dar ânimo àqueles que da rua o não puderam trazer; tem de desenvolver quanto possível as aptidões psíquicas e físicas dos que sem culpa chegaram desregados; tem de educar-nos nas virtudes que só a luta nos ensina e, ainda, temperar os caracteres, além de muitos outros benefícios talvez um pouco mais obscuros. Pois cá em Casa, onde há algumas modalidades desportivas, o futebol é rei e senhor. Compreende-se que assim suceda, pois ele é como que uma conjugação de alguns outros desportos.

E como não interessa ser campeão mas sim praticante por amor ao desporto, vê-se que o futebol é a modalidade mais acessível sob este ponto de vista.

E isto começa logo quando em pequeninos. E cá, exactamente a começar pelos pequenitos, todos gostam de futebol. Temos a nossa equipa A e muitos juniores a prometer. Portanto, aqui fica o convite para aqueles que, arranjando um grupinho de futebol, nos queiram visitar. Não esperem pelo verão, pois nessa altura está tudo no melhor da forma, e as coisas podem tomar um aspecto volumoso quanto a golos. Vale mais virem já, pois quanto mais tarde, pior será para os nossos adversários.

Luis Gonzaga

Venda do Jornal

Continuação da TERCEIRA página

estes jornais. O rapaz que vende nessa cidade anda muito chatiado com os senhores de Guimarães por não lhe comprarem o jornal e por isso já sabem. Podiam-se vender mais em Guimarães se os senhores olhassem para o rapaz que vende nesta cidade. Ele chega ao Lar do Porto, que fica na Rua D. João IV, muito chatiado. Pergunta-se porque é assim e ele responde logo: «Não vendo nada em Guimarães!» Não se esqueçam de lhe comprar «O Gaiato».

● Viana — Em Viana do Castelo já se vendem mais uns pouquinhos. Mas não chegam para contentar o vendedor desta cidade. Os Vianenses são muito amigos da nossa Obra. Nesta cidade vendiam-se 60 e agora aumentou para os 90 jornais. Vamos a ver se para a próxima vez se vendem mais. Espinho é uma vila, mas vende-se mais do que em qualquer cidade. Aqui até dá gosto vender. O rapaz desta vila anda muito contente com os senhores.

● Porto — Numa cidade tão importante, vendem-se três mil jornais. Já se venderam mais jornais nesta cidade, não sei se é dos rapazes ou se é dos senhores que não compram. Ajudem os rapazes a vender os jornais, porque eles só ficam contentes quando vendem muito facilmente...

E para terminar esta minha crónica, um abraço para os senhores do Porto.

António Sanches (Caparica)

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

Autónoma das Estradas recebeu-o e Quim subiu ao posto de Chefe Maioral. Parece-me que onde tem acudido mais e tem mais problemas é com as zaragatas dos descascadores de batatas. Não há um dia em que nossos amigos, Toninho, Zé e André não experimentem forças. «Elvas», quase sempre é o árbitro, mas outro dia ia-se arrependendo de tê-lo, porque estes pequenos acharam que estavam a ser mal arbitrados e só houve um remédio para o «Elvas»: fugir. Senão...

PINTOS — «Que bonitos que eles estão!» — é o desabafo de todos aqueles que nos visitam. André, um rapazito de 9 anos, não pára. Snr. Padre Telmo ainda lhe vai dizendo para ele poupar as rações, mas ele não perdoa e a cada passo lá está: «Snr. Padre Telmo, se fôr à cidade traga rações para os pintos». Snr. Padre Telmo ainda olha para ele, mas aquela carita negra e aqueles dentes muito branquinhos, indicando inocência e alegria de já não ser um rapaz abandonado, são o bastante para vencer e convencer Snr. Padre a trazer as ditas.

LAR — Emília, esposa do Fernando Dias, não tem mãos a medir. Ela tem de aparecer em todos os lados. É o comer para a malta, é a filhinha a chorar. Ela nem sabe para onde se há-de virar! Ainda no domingo lá fui e ela andava descalça. Perguntei-lhe — «Então descalça?» — «Não faz mal. Tenho de assim andar para não acordar a menina e depois tu não sabes o trabalho que aqui vai».

Se todos os que vivem dentro daquelas paredes, compreendessem o esforço da Emília e o sacrifício da Obra, os resultados nos estudos seriam muito melhores. Temos três rapazes no 1.º ano, dois no 2.º e todos os outros, trabalham de dia e estudam à noite, excepto o «Laranjinha» que deve completar este ano a instrução primária. Depois... se verá.

FUTEBOL — O campo está pronto. Clubes com vontade de nos defrontarem não faltam, mas os equipamentos é de «gritos». Quim escreveu para Paço de Sousa; eu escrevi para alguns clubes; mas... deve ser muito difícil. Não há para aí quem tenha pena dos corpos que se queimam ao sol e das feridas dos nossos pés?... Aguardemos com

optimismo os enfermeiros imprevistos que possam mandar remédios para este males.

DO QUE NECESSITAMOS:

Josué R. Gonçalves, Pedro, de Outeiro Grande, 3000\$; alguns amigos do Dundo, com muita amizade, 500\$00; uma amiga do Cubal, 20\$00; D. Gertrudes, de Salazar, com 5 camisas novas, que graças a Deus vieram em boa hora e mais selos para o Tojal. Na Igreja de Nazaré, uma Senhora com 100\$00, outra com 40\$00 e outra com mais 40\$00. Numa rua de Luanda, uma criança com 100\$00. Que bom seria que os pais ensinassem seus filhos a servir e a amar. Mais frutas secas, um garrafão de vinho e ainda um vestido para a nossa menina. E mais 2 bonecos para a menina e mais um vestidinho da Sr.ª Doutora e 10.000\$ da Companhia dos Diamantes de Angola e ainda dos nossos muito amigos empregados do Banco de Angola, 1.000\$00. Da Secil do Ultramar, mais 100 sacos de cimento. Os nossos amiguinhos de Carviçais, enviaram-nos 108\$00. Armando dos S. Pereira, 200\$. União Nacional — Comissão Distrital de Malanje, 500\$00. Com muita amizade e carinho do Snr. Governador e Snr. Bispo 1.000\$00 e mais 1.000\$00. Da nossa amiga Florinda Neves, 20\$00. De Lurdes e Tá, 50\$00. Companhia Vaz Guedes 10.000\$00. A Cotonang também nos acarinhou com 3.000\$00.

Bem hajam.

